

PRODUÇÃO DE ALGODÃO

JACKSON DANTAS COELHO

Economista. Mestre em Economia Rural
Coordenador de Estudos e Pesquisas do ETENE
jacksondantas@bnb.gov.br

1. INTRODUÇÃO

Esta análise discute aspectos de produção e de mercado do segmento de algodão. Mais especificamente às atividades relacionadas à classe 01.12-1 (Cultivo de algodão herbáceo e de outras fibras de lavoura temporária), da Classificação Nacional de Atividades Econômicas, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - CNAE/IBGE.

2. CARACTERIZAÇÃO

O algodão (*Gossypium hirsutum latifolium Huchth*) é uma das fibras mais conhecidas no mundo, domesticada há mais de quatro mil anos, no sul da Arábia. Os incas e outras civilizações antigas já o utilizavam por volta de 4500 a.C., com escritos antigos anteriores à Era Cristã, indicando seu uso na Índia, Egito, Sudão e em toda a Ásia Menor, como produto de primeira necessidade. A palavra algodão deriva do árabe *al-quTum*, idioma do povo que primeiro fabricou tecidos e papéis com essa fibra. A Europa começou a usá-la regularmente na época das Cruzadas. No século XVIII, o surgimento de novas máquinas de descaroçamento e de fição fez a tecelagem de algodão dominar o mercado mundial de fios e tecidos (AMPA, 2017).

No Brasil, os índios já dominavam o cultivo, fição, tecedura e tingimento de tecidos de algodão antes da chegada dos portugueses, em 1500. Mas estes estavam interessados no cultivo de cana, que exigia mão de obra escrava, que por sua vez, precisava de vestimentas para o trabalho, obrigando os colonizadores ao plantio de alguns hectares de algodão. O cultivo comercial se iniciou em

1760, no Nordeste, com a exportação das primeiras sacas do produto para a Europa, que eram de algodão arbóreo, de fibra longa. O algodão herbáceo, de fibra mais curta e mais produtivo, começou em São Paulo, centro produtor até a safra 1978/1979, sendo superado pelo Paraná, na safra seguinte (AMPA, 2017; CONAB, 2018a).

Até a década de 1980, o Nordeste era uma das três maiores regiões produtoras, mas a ocorrência do *Anthonomus grandis* (o popular “bicudo”) nas plantações jogou a cultura em uma profunda crise, agravada pela longa seca de 1979-1983 e pelo sucateamento da assistência técnica e extensão rural, fatos aos quais, no início da década de 1990, somou-se a abertura das importações.

Essa crise foi contornada, em parte, pela abertura de novas áreas produtivas no Cerrado, primeiro no Centro-Oeste e depois, no Nordeste. Nessas regiões, havia terras planas e baratas, que, com a devida correção agrônômica, somada à experiência e tecnologia dos produtores, aos incentivos governamentais e à pesquisa, poderia ser explorado um grande potencial de produção ainda subaproveitado. Em menos de uma década, o Centro-Oeste se tornou a maior região produtora de algodão, revertendo a condição do Brasil de segundo maior importador, em 1997, a quinto maior produtor e quarto maior exportador mundial da fibra, em 2016.

Atualmente, a cotonicultura é bastante mecanizada, em seu modo empresarial de produção¹, que atua prin-

1 É o adotado em grandes fazendas, que são administradas como empresas, que contam com investimentos consideráveis em infraestrutura de produção e armazenamento. Realizam operações de crédito de custeio e de investimento em valores altos. Utilizam mecanização em larga escala em todas as etapas do processo produtivo, geralmente possuindo assistência técnica própria, tanto para a cultura do algodão como para o maquinário utilizado, e empregam mão de obra especializada.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano J. F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Roberto Rodrigues Pontes (Jovem Aprendiz). Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Dalyllyl Soares de Azevedo e Antônio Kassyo Monteiro Costa (Bolsistas de Nível Superior).

O **Caderno Setorial ETENE** é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão “Economia Regional”. Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.

principalmente no Cerrado do Centro-Oeste e, no Nordeste, nos cerrados da Bahia (Oeste), Piauí e Maranhão, com produtores oriundos principalmente do Sul e Sudeste. No Nordeste, há ainda o modo de produção no Semiárido, de pequena escala, comum nos sertões do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e sul da Bahia.

A produção do Semiárido é bem menor que a do Cerrado nordestino, mas nem por isso, menos importante, pois há produção de algodão convencional e transgênico em escala empresarial, no Ceará e na Bahia (maior produtor de algodão do Nordeste), e produção de algodão orgânico e agroecológico, no Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Bahia, cujos campos de produção representam importantes espaços de atuação de institutos de pesquisa nacionais e estaduais, ONGs e projetos governamentais.

Estes campos abastecem nichos de mercado como os da União Europeia e de alguns estados do Sul e do Sudeste do Brasil, que negociam por intermédio do comércio justo e pagam preço melhor que o da fibra convencional, exigindo, em troca, a certificação dos produtores.

A Embrapa Algodão, sediada em Campina Grande, Paraíba, apoia iniciativas estaduais voltadas à cotonicultura, a exemplo de recentes tentativas de retomada ocorridas no Ceará. No final de novembro de 2017, foi apresentado ao Governo Estadual o Programa de Modernização da Cultura do Algodão no Ceará, elaborado por especialistas da Embrapa, Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA), Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Ceará (FAEC), Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce), Secretaria da Agricultura, Pesca e Aquicultura (Seapa, a entidade executora), Agência do Desenvolvimento do Estado do Ceará (Adece) (EMBRAPA ALGODÃO, 2017).

Este programa terá duração de cinco anos (2018 a 2022); na primeira fase, serão atendidos 600 pequenos produtores de Quixadá, Quixeramobim e Senador Pompeu, grandes produtores de algodão no passado, numa experiência-piloto, com área total de 2 mil hectares, cujo objetivo é introduzir novas tecnologias de produção no Estado, visando atender as necessidades da indústria têxtil local e gerar emprego e renda no meio rural. A Seapa repassou o investimento de R\$ 1,8 milhão do Governo do Estado. A segunda fase deverá ser executada em 2019, com a entrada de mais municípios do Sertão Central (Mombaça, Piquet Carneiro, Solonópole, Deputado Irapuan Pinheiro, Choró e Milhã), Centro-Sul (Iguatu, Acopiara e Quixelô) e Sertão de Canindé (Boa Viagem) (EMBRAPA, 2018).

3. PRODUÇÃO

O Brasil superou o Paquistão e passou a ser o quarto maior produtor mundial de algodão, na safra 2017/2018, atrás de Índia, China e Estados Unidos. Esse cinco países responderam por 77% do total da fibra produzida no planeta nessa safra. O País tornou-se o terceiro maior exportador mundial, atrás de Estados Unidos e Índia, superando a Austrália, também na safra passada. A produção mundial para a safra 2018/2019 é estimada em 25,85 milhões de toneladas, queda de 4% sobre à última safra, de 26,93 milhões de toneladas. O consumo mundial também deve continuar o movimento de alta dos últimos

quatro anos, subindo 2% em relação a última safra (de 26,82 milhões para 27,35 milhões de toneladas); com o consumo aumentando e a produção caindo, os estoques finais continuam sua trajetória de queda dos últimos cinco anos, devendo reduzir em 9% (de 17,51 milhões para 15,93 milhões de toneladas) (USDA, 2018).

A produção nacional prevista para a atual safra (2018/2019) é de 2,36 milhões de toneladas, numa área total de 1,44 milhão de hectares, aumento de 17,8%, em produção, e de 23,2%, em área, em relação à safra 2017/2018. Os bons números da comercialização da safra passada, junto às boas perspectivas de mercado, reforçam o otimismo do setor produtivo (CONAB, 2018b).

A maior produção nacional de algodão em pluma está no Centro-Oeste, com previsão de 1,69 milhão de toneladas para a atual safra. Em seguida está o Nordeste, com 588,5 mil toneladas, o Sudeste com 72,3 mil toneladas e o Norte, com 15 mil toneladas. No Nordeste, a previsão é de aumento de 7,7% na produção e de 21,7% em área. A expectativa positiva se deve à possibilidade de melhoria nas condições climáticas. Nos três grandes produtores nordestinos, Bahia, Maranhão e Piauí, o aumento de área deveu-se aos ótimos resultados obtidos na safra anterior, que estimularam o produtor a aumentar investimentos na cotonicultura, confiando na expectativa de um bom clima e de boa produtividade. No caso específico do Piauí, a reativação de uma grande beneficiadora em Santa Filomena e de terras antigamente usadas na cotonicultura gerou aumento estrutural na área, que deve crescer 170,8% em relação à safra anterior (CONAB, 2018b).

Entre os estados, Mato Grosso é o maior produtor (previsão de 1,57 milhão de toneladas para a atual safra), seguido pela Bahia (508,6 mil toneladas). Em seguida, Goiás (64,1 mil toneladas), Mato Grosso do Sul (56,2 mil toneladas) e Maranhão (45,5 mil toneladas). Só a previsão de produção do Mato Grosso é 2,7 vezes a previsão nordestina; nos últimos dez anos, a produção desse Estado aumentou 169%, sobre uma base representativa, enquanto a do Nordeste aumentou 36%, puxada principalmente pelo aumento da produção baiana (25%), maranhense (171%) e piauiense (319%), fato que comprova o êxito do esforço de migração da cotonicultura para os cerrados nas últimas décadas, notadamente para os nordestinos (CONAB, 2018b).

De acordo com a Tabela 2, o aumento da produção se traduz em números positivos no Valor Bruto da Produção (VBP) do algodão, que, nos resultados anuais (ainda preliminares, divulgados em novembro), deve aumentar 47% no País (de R\$ 23,4 bilhões para R\$ 34,4 bilhões). No Nordeste, a alta prevista é de 61% (de R\$ 5,8 bilhões para R\$ 9,4 bilhões) e, no Centro-Oeste, de 40,6% (de R\$ 16,7 bilhões para R\$ 23,5 bilhões). O VBP agropecuário total deverá ser de R\$ 573,9 bilhões, redução de 1,9% em relação a 2017, com soja, cana, milho, algodão e café gerando 80% do valor bruto da lavoura. O valor nacional previsto para 2019 deve seguir no mesmo percentual em relação a 2018, R\$ 584,6 bilhões (BRASIL, 2018)

Tabela 1 – Evolução da produção de algodão em pluma no Brasil, por regiões e estados selecionados, em mil toneladas

REGIÃO/UF	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17	2017/18	2018/19 (1)
NORTE	5,4	7,5	8,5	7,3	7,4	11,8	8,7	10,1	11,9	15,0
NORDESTE	433,5	689,9	541,6	397,9	534,6	489,4	283,6	390,7	546,2	588,5
Maranhão	16,8	27,7	28,8	26,2	30,4	34,1	33,0	35,2	34,9	45,5
Piauí	8,0	26,6	28,9	14,5	19,7	20,1	2,7	8,5	11,9	33,5
Ceará	0,7	1,1	0,1	0,1	0,5	-	0,1	0,2	0,3	0,3
Rio Grande do Norte	0,5	0,8	0,1	0,1	0,6	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5
Paraíba	-	0,3	-	-	-	0,1	-	0,1	0,2	0,1
Bahia	406,8	633,1	483,6	357,0	483,3	434,6	247,3	346,2	498,4	508,6
CENTRO-OESTE	726,7	1.187,2	1.259,8	869,7	1.152,2	1.029,2	963,9	1.102,3	1.399,6	1.688,0
Mato Grosso	583,50	934,80	1.046,50	731,30	1.005,90	921,70	880,5	1.011,3	1.290,2	1.567,7
Mato Grosso do Sul	55,8	89,2	84,6	68,1	63,3	55,3	48,3	49,1	56,1	56,2
Goiás	87,4	162,5	128,7	70,3	83,0	52,2	35,1	41,9	53,3	64,1
SUDESTE	28,4	74,0	66,6	34,6	39,0	31,7	32,3	26,4	48,1	72,3
Minas Gerais	21,9	45,4	41,8	26,3	28,3	27,1	26,8	22,7	39,7	60,2
São Paulo	6,5	28,6	24,8	8,3	10,7	4,6	5,5	3,7	8,4	12,1
SUL	0,1	1,2	0,8	0,8	0,8	0,7	0,7	-	-	-
BRASIL	1.194,1	1.959,8	1.877,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,2	1.529,5	2.005,8	2.363,8
NORDESTE a.a. (%)	-	59,1	(21,5)	(26,5)	34,4	(8,5)	(42,1)	37,8	39,8	7,7
CENTRO-OESTE a.a. (%)	-	63,4	6,1	(31,0)	32,5	(10,7)	(6,3)	14,4	27,0	20,6
BRASIL a.a. (%)	-	64,1	(4,2)	(30,2)	32,3	(9,9)	(17,5)	18,6	31,1	17,8

Fonte: CONAB (2018b). Nota: (1) Estimativa, em dezembro/18.

Tabela 2 - Valor bruto da produção (VBP) do algodão herbáceo

Unidade geográfica	2014	2015	2016	2017	2018
NORTE	64.063.499,93	13.315.318,83	33.321.211,91	84.815.752,53	154.177.772,41
Roraima	-	4.471.562,29	4.768.021,73	7.408.446,85	73.167.968,47
Tocantins	64.063.499,93	8.843.756,54	28.553.190,19	77.407.305,68	81.009.803,94
NORDESTE	2.253.211.254,60	2.935.363.685,89	2.470.996.043,43	5.845.950.757,87	9.407.784.850,25
Maranhão	263.245.193,27	330.395.089,13	261.711.414,72	531.002.150,39	671.199.243,83
Piauí	155.169.972,22	187.235.170,09	28.046.955,78	108.390.408,43	163.155.505,49
Ceará	8.320.383,43	393.791,91	1.667.826,53	2.957.281,25	8.536.262,99
Rio Grande do Norte	1.712.410,86	1.012.082,00	3.932.146,31	6.865.770,50	7.031.093,35
Paraíba	79.406,15	839.107,99	572.947,47	2.115.828,03	3.971.975,43
Pernambuco	169.169,62	206.096,70	58.864,47	426.824,10	236.924,85
Alagoas	134.645,21	143.531,63	109.880,34	176.827,13	355.387,28
Sergipe	348.696,57	-	-	-	-
Bahia	1.824.031.377,29	2.415.138.816,45	2.174.896.007,83	5.194.015.668,05	8.553.298.457,03
SUDESTE	390.854.326,95	301.254.488,12	320.407.135,67	463.021.726,39	811.038.247,69
Minas Gerais	250.208.775,09	248.743.993,63	260.577.292,68	381.306.038,97	689.004.663,53
São Paulo	140.645.551,86	52.510.494,48	59.829.842,99	81.715.687,42	122.033.584,16
CENTRO-OESTE	14.130.325.959,61	12.703.642.128,65	13.608.381.311,92	16.691.476.681,00	23.472.201.796,10
Mato Grosso do Sul	569.863.406,03	506.865.387,04	437.206.008,60	809.459.064,37	1.009.343.261,07
Mato Grosso	12.638.042.751,45	11.710.995.782,87	12.831.935.462,91	15.256.298.910,35	21.699.897.585,79
Goiás	922.419.802,13	485.780.958,74	339.239.840,41	625.718.706,28	762.960.949,24
BRASIL	14.627.175.369,81	14.967.003.530,39	13.588.457.715,42	23.406.942.092,58	34.413.599.301,60

Fonte: MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP). Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/assuntos/politica-agricola/valor-bruto-da-producao-agropecuaria-vbp>. Acesso em: 26 de dez. 2018.

Notas: Fonte Produção - IBGE - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola - LSPA, novembro/2018;

Fonte preços: CONAB Preços Recebidos pelos Produtores, média anual para os anos fechados e para 2018, preços médios de janeiro a novembro.

OBS: Devido à descontinuidade da informação de preços pela FGV-FGVDados, comunicado da FGV em 24/04/2017, foram usados preços da FGV até dez/2016. A partir desta data, passaram a ser substituídos pelos preços da Conab.

* Valores deflacionados pelo IGP-DI da FGV - novembro/2018. Elaboração CGEA/DCEE/SPA/MAPA.

A cadeia produtiva do algodão tem, no seu elo de insumos, antes da fazenda, os fornecedores de produtos relacionados ao solo, como sementes, fertilizantes, defensivos, corretivos, e os fornecedores de máquinas e/ou equipamentos, como colheitadeiras, tratores, implementos agrícolas, caminhões, combustível, peças e equipamentos de proteção individual. No elo da produção, após o plantio e a colheita, obtém-se a pluma e o caroço, que passam ao elo de beneficiamento, que transformam a pluma em fio e do caroço extraem línter, óleo, torta e farelo. O primeiro segue para indústrias de papel, celulose, química e farmacêutica, enquanto o óleo pode ser aproveitado para o biodiesel e indústria alimentícia, e a torta e o farelo seguem para as indústrias de adubos e de ração animal. A distribuição cuida para que estes produtos cheguem aos consumidores finais, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas, pelos canais de comercialização.

Destaca-se, também, a existência do ambiente organizacional e institucional da cadeia: numa definição rápida, o ambiente institucional pode ser definido como o conjunto de regras e costumes envolvidos na atividade, abrangendo também o marco legal que a ampara, e o ambiente organizacional são as empresas e pessoas envolvidas nos trabalhos de toda a cadeia

agroindustrial do algodão. Dentro do primeiro, cumpre destacar o papel fundamental exercido por órgãos de pesquisa, tais como o Centro Nacional de Pesquisa do Algodão da Embrapa, sediado em Campina Grande-PB, que estuda o desenvolvimento de sistemas de produção e melhoria de cultivares de algodão, voltados tanto para o plantio convencional, como o orgânico, agroecológico e transgênico. Também é fundamental o apoio financeiro vindo das instituições bancárias, como Banco do Brasil e Banco do Nordeste, nas operações de custeio e investimento envolvidas na produção do algodão.

4. COMÉRCIO EXTERIOR

De janeiro a novembro de 2018, o Brasil exportou para 36 países um volume total de 1,02 bilhão de toneladas com faturamento US\$ 1,78 bilhão. Contudo, os desempenhos do Brasil no mercado mundial foram divergentes quando comparam-se os dados 2016/2017 e 2017/2018. Houve quedas consideráveis de vendas e de faturamento em -18,50% e -13,00%, respectivamente, inclusive, o Nordeste com indicadores em 2018 abaixo de 2016. Ao contrário o Sudeste tem evoluído satisfatoriamente (Tabela 3).

Tabela 3 - Desempenho do Brasil e Regiões no comércio exterior

Fluxo (1)	Região	2016		2017		2018 (2)		FOB (US\$)	
		Kg Líquido	FOB (US\$)	Kg Líquido	FOB (US\$)	Kg Líquido	FOB (US\$)	2016-17	2017-18
Exportação (3)	Centro-Oeste	855.740.040	1.300.069.827,00	881.411.844	1.442.098.367,00	695.966.486	1.203.598.530,00	10,92	-16,54
	Nordeste	288.089.825	429.122.917,00	357.080.750	574.573.872,00	224.692.842	396.630.717,00	33,89	-30,97
	Norte	548.308	878.898,00	501.175	895.512,00	1.273.938	2.373.350,00	1,89	165,03
	Sudeste	24.531.509	36.770.600,00	23.561.358	40.125.393,00	68.923.009	120.877.606,00	9,12	201,25
	Sul	-	-	427.583	861.271,00	1.447.225	2.614.275,00	-	203,54
	Subtotal	1.169.007.601	1.766.982.559,00	1.263.779.504	2.059.876.115,00	1.024.813.856	1.781.170.558,00	16,58	-13,53
Importação	Centro-Oeste	22	1.916,00	51	2.525,00	20	1.315,00	31,78	-47,92
	Nordeste	26.756.246	37.196.723,00	32.610.922	56.123.323,00	16.855.149	29.668.009,00	50,88	-47,14
	Norte	-	-	-	-	198.280	287.092,00	-	-
	Sudeste	2.098.310	5.382.430,00	1.426.072	4.059.044,00	4.688.355	10.225.537,00	-24,59	151,92
	Sul	9	552,00	120.375	238.444,00	991.320	1.464.785,00	-	514,31
	Subtotal	28.854.587	42.581.621,00	34.157.420	60.423.336,00	22.733.124	41.646.738,00	41,90	-31,08
Saldo/Déficit	Centro-Oeste	855.740.018	1.300.067.911,00	881.411.793	1.442.095.842,00	695.966.466	1.203.597.215,00	10,92	-16,54
	Nordeste	261.333.579	391.926.194,00	324.469.828	518.450.549,00	207.837.693	366.962.708,00	32,28	-29,22
	Norte	548.308	878.898,00	501.175	895.512,00	1.075.658	2.086.258,00	1,89	132,97
	Sudeste	22.433.199	31.388.170,00	22.135.286	36.066.349,00	64.234.654	110.652.069,00	14,90	206,80
	Sul	-	-	307.208	622.827,00	455.905	1.149.490,00	-	84,56
	Subtotal	1.140.153.014	1.724.400.938,00	1.229.622.084	1.999.452.779,00	1.002.080.732	1.739.523.820,00	15,95	-13,00

Fonte: Comex Stat (2018). Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em 27 dez. 2018.

Notas:

(1) NCM: 52010010 (Algodão não cardado nem penteado, não debulhado); 52010020 (Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado); 52010090 (Outros tipos de algodão não cardado nem penteado).

(2) Janeiro a novembro.

(3) Inclui "não declarada".

A região Nordeste também reduziu sua participação no comércio internacional. Eram 29 países clientes em 2016 e, ao longo de 2018, o destino das exportações nordestinas foi 16 países. Dentre os estados nordestinos, Bahia e Maranhão reduziram consideravelmente as vendas nos

últimos três anos, e o Piauí, neste mesmo período, apesar do "baque" de 2017, tem conseguindo ao longo de 2018, índices positivos em volume e faturamento. Entretanto, ainda em torno de 50% abaixo do desempenho de 2016 (Tabela 4).

O principal destino das exportações do Brasil é o continente asiático, acima de 91,26%, enquanto que as importações são predominantemente dos Estados Unidos

(67,29%) e Argentina (15,16%). Perfil semelhante ao da região Nordeste (ANEXO 1).

Tabela 4 - Desempenho dos Estados do Brasil no comércio exterior

Fluxo (1)	Região	2016		2017		2018 (2)	
		Kg Líquido	FOB (US\$)	Kg Líquido	FOB (US\$)	Kg Líquido	FOB (US\$)
Exportação (3)	Mato Grosso	792.080.220	1.202.932.202,00	793.796.122	1.304.659.404,00	618.657.246	1.068.077.505,00
	Bahia	232.067.370	344.416.148,00	308.299.514	493.372.490,00	186.523.034	329.322.548,00
	Goiás	47.658.500	72.990.016,00	64.336.626	98.356.521,00	47.087.835	80.993.423,00
	Minas Gerais	8.411.197	11.416.941,00	5.728.474	9.772.323,00	38.080.431	63.422.622,00
	Maranhão	50.316.582	76.531.974,00	46.413.833	77.149.974,00	35.711.275	63.098.733,00
	São Paulo	15.227.850	23.998.741,00	17.234.198	29.421.594,00	30.842.578	57.454.984,00
	Mato Grosso do Sul	16.001.320	24.147.609,00	23.279.096	39.082.442,00	30.221.405	54.527.602,00
	Piauí	5.705.873	8.174.795,00	2.367.403	4.051.408,00	2.458.533	4.209.436,00
	Paraná	-	-	15.720	45.002,00	1.347.533	2.419.237,00
	Tocantins	548.308	878.898,00	412.968	686.462,00	1.273.938	2.373.350,00
	Santa Catarina	-	-	338.930	716.982,00	99.692	195.038,00
	Espírito Santo	892.462	1.354.918,00	598.686	931.476,00	-	-
	Roraima	-	-	88.207	209.050,00	-	-
	Rio Grande do Sul	-	-	72.933	99.287,00	-	-
Subtotal		1.169.007.601	1.766.982.559,00	1.263.779.504	2.059.876.115,00	1.024.813.856	1.781.170.558,00
Importação	Ceará	23.012.771	31.309.528,00	24.256.711	40.806.969,00	9.672.442	16.889.095,00
	Paraíba	-	-	3.439.193	5.873.657,00	6.835.716	11.551.512,00
	Minas Gerais	1.680.333	4.029.862,00	800.645	2.110.253,00	3.955.457	7.792.265,00
	São Paulo	417.977	1.352.568,00	625.427	1.948.791,00	732.898	2.433.272,00
	Santa Catarina	9	552,00	120.375	238.444,00	991.280	1.463.485,00
	Rio Grande do Norte	3.743.382	5.881.240,00	4.914.998	9.440.071,00	346.991	1.227.402,00
	Rondônia	-	-	-	-	198.280	287.092,00
	Mato Grosso	22	1.916,00	51	2.525,00	20	1.315,00
	Paraná	-	-	-	-	40	1.300,00
	Bahia	93	5.955,00	20	2.626,00	-	-
	Subtotal		28.854.587	42.581.621,00	34.157.420	60.423.336,00	22.733.124

Fonte: Comex Stat (2018). Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em 26 dez. 2018.

Notas:

(1) NCM: 52010010 (Algodão não cardado nem penteado, não debulhado); 52010020 (Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado); 52010090 (Outros tipos de algodão não cardado nem penteado).

(2) Janeiro a novembro.

(3) Inclui "não declarada".

Apesar do mercado externo favorável, a economia nacional está com uma recuperação muito lenta, na qual não permite crescimento de demanda do mercado doméstico ao longo das cadeias de produtos (setor têxtil e outros). A recuperação da demanda nacional é muito importante para absorver a produção local e tornar-se menos dependente das oscilações do mercado externo. Diga-se, o transtorno comercial entre Estados Unidos e China. Enfim, a boa safra nacional 2017/2018 requer demanda para aquecimento dos preços pagos ao produtor.

Essa situação de "guerra" comercial entre EUA e China, "pode" favorecer o Brasil, mas requer atenção e monitoramento do movimento asiático. Entenda-se que a China vem aumentando a sua cota de importação; tem usados seus estoques; cerca de 500 mil toneladas são estadunien-ses, e; com sobretaxas ao produto norte-americano, abre-se uma janela para o Brasil.

Segundo dados do USDA (2018), a produção de algodão em 2019 deve cair cerca de 4%, enquanto que o consumo mundial tem crescido nos últimos quatro anos na taxa de 3,15 a.a. A quebra da safra de 2015/2016 dos principais produtores mundiais desabasteceu o mercado ao ponto de reduzir os estoques globais em 18,19%, comparando-se as safras 2015/2016 e a previsão 2018/2019. O comércio é projetado com crescimento das exportações brasileiras, que tem evoluído muito bem na produção, exportação e no estoque final. A produção global deve ser influenciada pela queda das produções dos maiores players do mercado (Índia, China e Estados Unidos), devido a instabilidades climáticas, isto em meio a incertezas econômicas nas exportações de têxteis. O quão baixo a China está disposta a reduzir seus estoques, continua sendo uma das principais incógnitas para 2018/19.

5. PREÇOS

O algodão é uma importante *commodity* de exportação brasileira e tem como referências de preço internacional os índices *Cotton Outlook A* e o da Bolsa de Nova York, e de preço nacional, o índice ESALQ-USP e o preço mínimo fixado pelo Governo Federal.

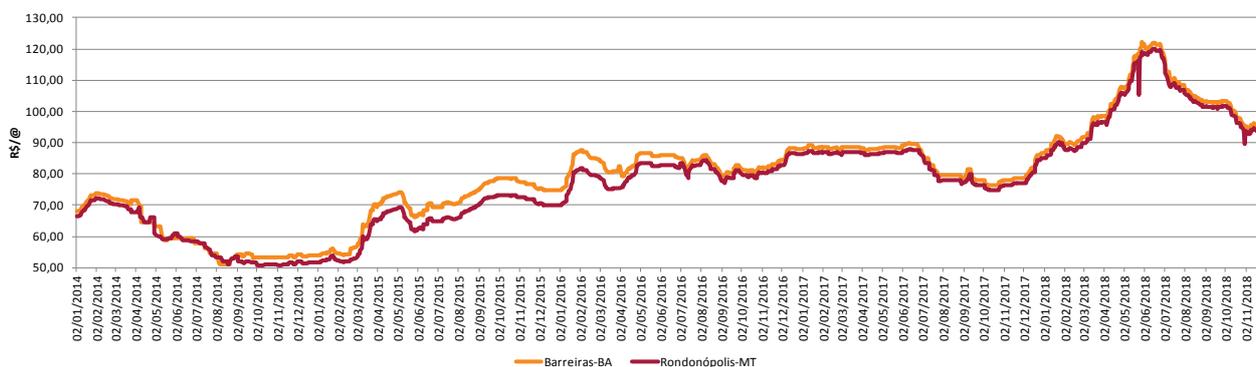
Nos últimos três anos-safra, o consumo mundial de algodão tem sido maior que a produção entre 9% e 18% (à exceção de 2017/2018, onde foi apenas 0,3% menor), o que exigiu mais dos estoques, que terminaram menores do que na safra anterior, colocando as cotações internacionais em alta. A China também mudou sua política de estoques públicos, desde 2014/2015, passando a se desfazer dos seus (que foram muito altos devido a uma política agressiva de compra, para proteger a sua indústria têxtil), favorecendo a queda dos estoques mundiais. Para 2018/2019, o USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos) prevê um consumo 6,3% maior que a produção, indicando que a demanda aquecida continuará sustentando os preços (CONAB, 2018c).

Os preços internos são diretamente afetados pela demanda de algodão para exportação e pela qualidade do algodão comercializado; a demanda interna geralmente

não tem problemas para ser suprida. Os preços internos do algodão em pluma fecharam novembro estáveis, caindo apenas 0,06% em relação a outubro, com os compradores (indústrias e comércio) tendo dificuldades de encontrar a pluma dentro das características desejadas, e os produtores pouco ativos, alegando que boa parte da safra 2017/2018 está comprometida no cumprimento de contratos para os mercados internos e externos. A média mensal de novembro ficou em R\$ 97,52/@, 4% menor que a de outubro, mas 11,4% acima da de novembro do ano passado, em preços atualizados (CEPEA, 2018).

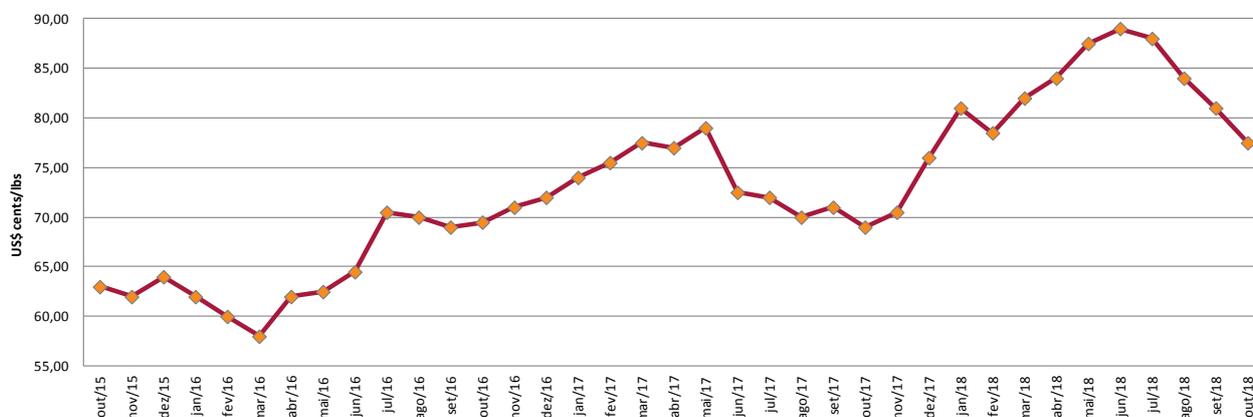
O **gráfico 1** mostra que, nos dois últimos anos, há uma tendência de crescimento dos preços da arroba, influenciada pela oferta de pluma e pela quantidade demandada pelo mercado. Já o **gráfico 2**, retrata a oscilação dos preços internacionais da libra-peso na Bolsa de Nova Iorque, a tendência geral de alta nos últimos três anos, apesar da baixa recente nos últimos quatro meses, motivada pela colheita da safra norte-americana e pela desvalorização do petróleo (torna mais barata a produção da fibra sintética, concorrente do algodão) finalizando outubro em torno de US\$ 0,77/libra-peso. Já os contratos futuros da mesma Bolsa (ICE Futures) acumularam alta de 0,39% a 0,81% nos próximos meses, até outubro de 2019 (CEPEA, 2018).

Gráfico 1 – Evolução dos preços internos do algodão, em praças selecionadas, entre 2014 e 2018



Fonte: CMA (2018).

Gráfico 2 – Evolução dos preços externos do algodão, na Bolsa de Nova Iorque, entre 2015 e 2018



Fonte: CONAB (2018c).

De acordo com dados da Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM), 60,8% da safra nacional 2017/2018, estimada em 2,01 milhões de toneladas, teria sido comercializada até 30 de novembro. Deste total, 55,4% foram para o mercado interno, 32,1% para o externo e 12,5% para contratos *flex* (exportação, mas com opção para o mercado interno). Para 2018/2019, os dados do CEPEA indicam que ao menos 21,8% da produção (estimada em 2,36 milhões de toneladas pela CONAB) foi comercializada no mesmo período, sendo 50,6% para o mercado doméstico, 22,3% para exportação e 27,1% para contratos *flex*, comprovando o aumento da última categoria, mais confortável para a *trading*, porque ela tem a opção de vender para o mercado que estiver mais vantajoso (CEPEA, 2018).

6. VALOR CONTRATADO

Nos últimos seis anos, o BNB financiou R\$ 2,76 bilhões para o algodão no Nordeste, distribuídos em 568 operações de crédito, média de R\$ 4,87 milhões por operação (Tabela 5). O estado com o maior volume contratado foi a Bahia, maior produtor nordestino: foram contratados R\$ 2,4 bilhões, em 493 operações, volume 6,6 vezes maior que a soma do financiamento aos outros estados, correspondendo a 87% do total da Região. O volume financiado é proporcional à produção baiana, que supera, tanto no Cerrado quanto no Semiárido, com grande diferença, a produção dos demais estados nordestinos.

Outros estados que se destacam, em relação aos demais da Região, são Maranhão e Piauí, que receberam, respectivamente, R\$ 167,1 milhões (6,0% do total) e R\$ 183,5 milhões (6,6%), no período 2013-2018. Depois da Bahia, são o segundo e terceiro maiores produtores regionais (Tabela 1), com o Cerrado respondendo pela maioria da produção, já que o Semiárido é inexistente no Maranhão e o do Piauí tem produção irrisória de algodão nessa sub-região.

A maioria dos investimentos em cotonicultura do BNB foi direcionada para fora do Semiárido, no período considerado (Tabela 6). Foram aplicados R\$ 2,6 bilhões, distribuídos em 465 operações, correspondendo a 94,2% dos recursos financiados no período e obedecendo à lógica da produção da atividade, que se concentra nos cerrados nordestinos. R\$ 159,6 milhões foram investidos na cotonicultura do Semiárido, em 104 operações de crédito.

No tocante ao porte do cliente, 42% do total financiado dirige-se aos médios produtores (R\$ 1,15 bilhão), distribuídos em 185 operações (Tabela 7), que superaram por pouco (R\$ 21,6 milhões) os grandes produtores. Os produtores destes dois maiores portes são os que têm escala para arcar com os custos de uma cultura de alto custo, que exige insumos importados, maquinário específico e muitos cuidados no manejo. Os grandes produtores vêm logo a seguir, com 41% do volume financiado (R\$ 1,13 bilhão), em 54 operações, de 2013 a 2018. Os demais portes somam 17% de participação no total financiado pelo BNB no período, ou R\$ 472,8 milhões de reais. A participação dos médios produtores nos financiamentos ultrapassou a dos grandes em 2016, mantendo-se acima deste então.

O BNB financiou, exceto PRONAF, a quase totalidade dos recursos destinados à cotonicultura nordestina: R\$ 2,76 bilhões (ou 99,9%), em 531 operações, no período 2013-2018

(Tabela 8). Tais números têm relação direta com o fato dos clientes serem de grande e médio portes (83%), que não se enquadram nas condições dos programas PRONAF (Tabela 7). Isso ocorre porque a cotonicultura é uma atividade de alto custo, onde uma minoria de grandes produtores garante a maior parte da produção colhida, o que demanda também maior volume de financiamento.

7. TENDÊNCIAS

O aumento esperado na produção, em razão das boas condições climáticas e do mercado aquecido, pode esbarrar na questão da logística, ainda deficiente no País. São longas as distâncias de transporte para o algodão que é exportado, entre os principais centros produtores no Mato Grosso e na Bahia até o Porto de Santos, dificuldade que se acentua diante dos recentes aumentos do óleo diesel, que oneram diretamente o frete.

Pensando nisso, no fim do ano passado, os produtores baianos testaram, com sucesso, a alternativa de exportação por Salvador, que encurta em 800 quilômetros, em média, o percurso rotineiro até o Porto de Santos. Este porto tem sido usado como opção para exportação de várias *commodities*, também para soja, e mostrou-se uma alternativa satisfatória para o escoamento da produção de algodão do Cerrado nordestino, na avaliação da Associação Baiana dos Produtores de Algodão (ABAPA).

Essa rota adicional pode ajudar a escoar a produção da pluma direcionada à exportação, que deve subir mais de 35% em 2019 (ou mais de 500 mil toneladas), conforme representantes do setor, mas os embarques deverão ser distribuídos ao longo de todo o ano, em vez de se concentrarem no segundo semestre, como ocorre normalmente, por conta da menor disponibilidade de contêineres para embarques. As duas últimas safras, em grande volume, também se depararam com este problema, que, em casos pontuais, atrasa de duas a três semanas o envio de carga, o que vai exigir um melhor planejamento por parte do setor e navios com contêineres adicionais. Toda a safra 2017/2018 já foi comercializada e 70% da atual já tem vendas contratadas, mas o setor exportador ainda não tem ideia clara da consequência, nas exportações, de um eventual encerramento da guerra comercial entre China e EUA (AGROLINK NOTÍCIAS, 2018a).

Os dois países estipularam uma trégua de 90 dias nas sanções mútuas, a partir de 1 de dezembro, durante a reunião de cúpula do G20 de Buenos Aires, mas outros fatos podem anular esse acerto de um momento para o outro. Em compensação, o USDA confirma notícias de vendas de 1,13 milhão de toneladas de soja dos EUA para China depois desse acordo, o que sinaliza uma redução das tensões comerciais entre as duas maiores economias mundiais e pode abrir caminho para a retomada do comércio das demais *commodities* agrícolas, como o algodão (AGROLINK NOTÍCIAS, 2018b).

De qualquer forma, a recuperação recente da cotonicultura, após a quebra de safra de 2015/2016 e com o enfrentamento das dificuldades logísticas históricas, comprova seu potencial e a coloca como uma das atividades mais competitivas do agronegócio brasileiro.

Tabela 5 – Cotonicultura – Quantidade de operações e valores contratados por Estado, entre 2013 e 2018, em R\$

UF	2013		2014		2015		2016		2017		2018		Acumulado	
	N	Valor	N	Valor										
Bahia	102	421.715.259,21	77	554.112.946,84	89	481.604.516,39	63	384.204.760,36	72	323.182.111,43	90	238.753.791,95	493	2.403.573.386,18
Ceará	11	294.609,30	2	52.386,51	1	20.950,65	-	-	-	-	3	5.009,87	17	372.956,34
Maranhão	1	28.675.169,06	1	64.915.901,47	2	73.504.566,80	1	16.309,70	1	16.454,11	-	-	6	167.128.401,14
Minas Gerais	1	16.031,34	-	-	-	-	-	-	-	-	6	2.514.830,97	7	2.530.862,31
Paraíba	16	219.016,48	1	7.806,37	-	-	-	-	-	-	1	13.369,17	18	240.192,01
Piauí	4	54.196.367,13	7	68.250.869,70	1	17.929.795,37	1	16.976.483,95	1	5.231.748,49	2	20.942.530,66	16	183.527.795,31
Rio Grande do Norte	3	14.296,59	2	140.465,70	-	-	-	-	-	-	3	8.334.239,46	8	8.489.001,76
Sergipe	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	956,16	3	956,16
Total	138	505.130.749,12	90	687.480.376,60	93	573.059.829,21	65	401.197.554,01	74	328.430.314,03	108	270.564.728,24	568	2.765.863.551,20

Tabela 6 – Cotonicultura – Quantidade de operações e valores contratados por sub-região, entre 2013 e 2017, em R\$

Sub-região	2013		2014		2015		2016		2017		2018		Acumulado	
	N	Valor	N	Valor										
Exceto Semiárido	105	486.990.222,94	84	668.085.618,49	87	560.542.086,17	64	393.868.029,25	53	276.890.844,41	71	219.900.742,03	464	2.606.277.543,29
Semiárido	33	18.140.526,18	6	19.394.758,10	6	12.517.743,04	1	7.329.524,76	21	51.539.469,62	37	50.663.986,21	104	159.586.007,91
Total	138	505.130.749,12	90	687.480.376,60	93	573.059.829,21	65	401.197.554,01	74	328.430.314,03	108	270.564.728,24	568	2.765.863.551,20

Tabela 7 – Cotonicultura – Quantidade de operações e valores contratados por porte entre 2013 e 2017, em R\$

Porte	2013		2014		2015		2016		2017		2018		Acumulado	
	N	Valor	N	Valor										
Grande	11	185.314.839,72	13	341.011.213,99	11	281.743.120,94	9	168.049.179,30	6	122.395.735,56	3	37.188.180,00	54	1.135.702.269,52
Médio	26	202.516.577,94	22	252.460.350,45	33	213.896.729,10	26	178.385.298,94	34	141.692.787,02	44	168.354.810,68	185	1.157.306.554,13
Mini	33	538.275,28	7	265.249,39	5	136.697,06	1	16.309,70	1	16.454,11	8	68.703,82	55	1.041.689,36
Pequeno	21	16.979.433,18	8	6.591.295,44	10	5.872.603,92	5	3.927.483,65	2	1.817.301,33	3	883.810,79	49	36.071.928,31
Pequeno-médio	47	99.781.623,00	39	87.152.267,32	34	71.410.678,18	24	50.819.282,42	31	62.508.036,01	32	41.194.044,51	207	412.865.931,45
Demais	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18	22.875.178,44	18	22.875.178,44
Total	138	505.130.749,12	90	687.480.376,60	93	573.059.829,21	65	401.197.554,01	74	328.430.314,03	108	270.564.728,24	568	2.765.863.551,20

Tabela 8 – Cotonicultura – Quantidade de operações e valores contratados por Programa entre 2013 e 2018, em R\$

Programa	2013		2014		2015		2016		2017		2018		Acumulado	
	N	Valor	N	Valor										
Exceto PRONAF	112	504.845.343,93	88	687.441.694,07	91	573.021.404,78	64	401.181.244,31	73	328.413.859,92	103	270.521.387,82	531	2.765.424.934,83
PRONAF	26	285.405,19	2	38.682,52	2	38.424,43	1	16.309,70	1	16.454,11	5	43.340,42	37	438.616,37
Total	138	505.130.749,12	90	687.480.376,60	93	573.059.829,21	65	401.197.554,01	74	328.430.314,03	108	270.564.728,24	568	2.765.863.551,20

Fonte: BNB/Ambiente de Controle de Operações de Crédito (Tabelas 2 a 5).
Valores constantes, atualizados pelo IGP-M, até outubro de 2018 (Tabelas 2 a 5).

AGRADECIMENTOS

Ao colega Luciano Ximenes, da Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais, vinculada ao Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, pelas contribuições na seção "4. COMÉRCIO EXTERIOR".

Ao fotógrafo Gentil Barreira, pela ilustração que abre esta publicação.

REFERÊNCIAS

AGROLINK NOTÍCIAS. **Exportação de algodão do Brasil deve crescer mais de 35% em 2019**. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/exportacao-de-algodao-do-brasil-deve-crescer-mais-de-35-em-2019_413687.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6299&utm_content=noticia. Acesso em: 07 dez. 2018a.

_____. **USDA confirma vendas de soja dos EUA para a China**. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/china-faz-primeira-grande-compra-de-soja-dos-eua-apos-tregua-comercial_414035.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6306&utm_content=noticia. Acesso em: 13 dez. 2018b.

AMPA - ASSOCIAÇÃO MATOGROSSENSE DOS PRODUTORES DE ALGODÃO. **História do Algodão**. Disponível em: http://www.ampa.com.br/site/qs_historia.php. Acesso em: 04 fev. 2017.

BRASIL - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Valor Bruto da Produção Agrícola (VBP)**. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/valor-da-producao-agropecuaria-de-2019-devera-superar-o-deste-ano>. Acesso em: 19 dez. 2018.

CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA). **Agromensal: Algodão, Novembro/2018**. Disponível em: <https://www.cepea>.

esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0507948001544199340.pdf. Acesso em: 10 dez. 2018.

CMA - CONSULTORIA, MÉTODOS, ASSESSORIA E MERCANTIL S.A. **Trading Analysis Information**. São Paulo: CMA, 2018.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Séries históricas**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras>. Acesso em: 26 nov. 2018a.

_____. **3º. Levantamento da safra brasileira de grãos 2018/2019**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos>. Acesso em: 11 dez. 2018b.

_____. **Análise mensal: algodão, outubro 2018**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/analises-do-mercado-agropecuaria-e-extrativista/analises-do-mercado/historico-mensal-de-algodao>. Acesso em 29 nov. 2018c.

EMBRAPA ALGODÃO. **Notícias: Programa busca retomada da produção de algodão no Ceará**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/30248953/programa-busca-retomada-da-producao-de-algodao-no-ceara>. Acesso em: 30 nov. 2017.

EMBRAPA ALGODÃO. **Notícias: Programa de modernização da cultura do algodão no Ceará receberá investimento de R\$ 1,8 milhão**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/32592743/programa-de-modernizacao-da-cultura-do-algodao-no-ceara-recebera-investimento-de-r-18-milhao>. Acesso em: 15 mar. 2018.

FILHO, J. B. S. A comercialização de algodão do Brasil. In: EMBRAPA AGROPECUÁRIA OESTE. **Algodão: Tecnologia de produção**. Dourados: Embrapa Agropecuária Oeste, 2001, p. 5-53.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Cotton World Supply, Use and Trade. December**. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em 17 dez. 2018.

ANEXO 1 - Comércio exterior de algodão por origem e destino no período de 2016 a 2018

Fluxo (1)	Países	2016		2017		2018 (2)	
		KG Líquido	FOB (US\$)	KG Líquido	FOB (US\$)	KG Líquido	FOB (US\$)
Exportação (3)	Vietnã	211.459.894	323.371.268,00	332.341.862	537.356.448,00	241.918.912	416.677.326,00
	Indonésia	290.057.002	435.915.830,00	341.175.368	569.084.618,00	232.531.640	416.245.822,00
	China	57.773.374	87.471.257,00	82.953.820	132.393.486,00	154.879.870	267.988.592,00
	Malásia	114.288.526	176.041.010,00	95.416.810	154.636.812,00	87.348.772	153.174.306,00
	Bangladesh	55.101.151	85.234.801,00	87.629.077	144.688.084,00	70.113.966	123.390.808,00
	Turquia	94.668.819	143.331.715,00	113.490.036	187.425.515,00	55.866.747	96.046.396,00
	Coreia do Sul	116.741.723	173.639.711,00	50.328.176	79.798.541,00	47.695.062	80.220.243,00
	Tailândia	75.882.776	114.645.184,00	48.066.060	77.988.710,00	36.801.146	64.491.018,00
	Paquistão	69.892.788	104.885.789,00	48.843.968	78.151.129,00	30.356.283	51.183.982,00
	Cingapura	1.431.244	2.136.824,00	4.415.140	6.508.968,00	19.461.924	34.018.110,00
	Selecionados	1.087.297.297	1.646.673.389,00	1.204.660.317	1.968.032.311,00	976.974.322	1.703.436.603,00
	Outros	81.710.304	120.309.170,00	59.119.187	91.843.804,00	47.839.534	77.733.955,00
	Subtotal	1.169.007.601	1.766.982.559,00	1.263.779.504	2.059.876.115,00	1.024.813.856	1.781.170.558,00
	Importação	Estados Unidos	24.257.933	34.253.164,00	32.111.780	55.944.169,00	15.298.061
Argentina		2.607.080	3.510.306,00	862.420	1.293.280,00	6.894.002	12.518.892,00
Egito		1.018.220	2.697.463,00	535.961	1.657.378,00	309.236	1.037.460,00
Israel		-	-	288.799	720.833,00	111.311	276.859,00
Turquia		-	-	140.160	280.036,00	119.170	243.606,00
Reino Unido		-	-	-	-	840	18.900,00
Índia		-	-	-	-	504	1.566,00
Paraguai		297.312	418.282,00	-	-	-	-
Alemanha		49.122	202.386,00	-	-	-	-
Espanha		624.920	1.500.020,00	218.300	527.640,00	-	-
Subtotal		28.854.587	42.581.621,00	34.157.420	60.423.336,00	22.733.124	41.646.738,00

Fonte: Comex Stat (2018). Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em 26 dez. 2018.

Notas:

(1) NCM: 52010010 (Algodão não cardado nem penteado, não debulhado); 52010020 (Algodão não cardado nem penteado, simplesmente debulhado); 52010090 (Outros tipos de algodão não cardado nem penteado).

(2) Janeiro a novembro.

(3) Inclui "não declarada".

ANÁLISES SETORIAIS DISPONÍVEIS

ANO DE 2018

- Aquicultura e pesca - 11/2018
- Indústria da construção civil - 11/2018
- Grãos: feijão, milho e soja - 11/2018
- Bovinocultura leiteira 2 - 11/2018
- Setor hoteleiro no Brasil - 11/2018
- Cajucultura - 11/2018
- Comércio 2018/2019 - 11/2018
- Café - 10/2018
- Petroquímica - 10/2018
- Vestuário - 10/2018
- Bovinocultura leiteira 1 - 10/2018
- Citricultura - 09/2018
- Floricultura - 09/2018
- Comércio eletrônico (E-commerce) - 09/2018
- Mandiocultura - 09/2018
- Saneamento básico - 08/2018
- Couros e calçados - 08/2018
- Indústria siderúrgica - 08/2018
- Energia eólica - 08/2018
- Fruticultura - 07/2018
- Bebidas não alcoólicas - 07/2018
- Grãos - 06/2018
- Móveis - 06/2018
- Energia solar - 05/2018
- Bebidas alcoólicas - 05/2018
- Mel - 04/2018
- Carnes - 04/2018
- Saúde - 04/2018
- Algodão - 03/2018
- Alimentos - 03/2018
- Sucroenergético - 02/2018
- Shopping Centers - 02/2018
- Petróleo e gás natural - 01/2018

ANÁLISES EM ANDAMENTO

NOVEMBRO/DEZEMBRO 2018

- Coco
- Construção civil
- Energia térmica
- Rochas ornamentais
- Serviços
- Turismo

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES

DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes-editadas-pelo-etene>

- Diário Econômico
- Boletim de Avaliação
- Informe ETENE
- Informe Rural (1)
- Informe Macroeconomia, Indústria e Serviços (1)
- REN - Revista Econômica do Nordeste
- Revista BNB Conjuntura Econômica
- Livros
- Artigos
- Informações Socioeconômicas - Nordeste
- Informações Socioeconômicas - Estados e Municípios
- Projeções ETENE
- Nordeste em Mapas
 - Economia
 - Indicadores Sociais
 - Infraestrutura
 - Território

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/publicacoes/CADERNO-SETORIAL>